



MANUSCRITOS GREGOS NA TRADIÇÃO TEXTUAL DO NOVO TESTAMENTO

GREEK MANUSCRIPTS IN NEW TESTAMENT TEXTUAL TRADITION

Paulo José Benício

Doutor em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais, Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Mestre em Teologia pela STH, Basileia, Suíça e estagiário no Programa de Pós-Doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas da USP. Docente da Escola Superior de Teologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Copiar como antigamente.
Gustave Flaubert

RESUMO

Até a invenção da imprensa, a Bíblia era transmitida por meio do minucioso e árduo trabalho da cópia manuscrita. Visando à sua reconstituição, um elevado número desses documentos foi, principalmente no século passado, repertoriado e atualmente se encontra disponível como fonte de pesquisa primária. O objetivo deste artigo é abordar o processo envolvido na confecção e transcrição dos manuscritos do Novo Testamento grego e apontar características daqueles considerados importantes na área em questão.

PALAVRAS-CHAVE

Novo Testamento grego; manuscritos; papiros; unciais; minúsculos.

ABSTRACT

Until the invention of printing the Bible could only be transmitted by laboriously copying it letter by letter, and word by word. Therefore, consider the processes involved on manuscripts production and transcription of is of the utmost importance to the student of the New Testament. The following article deals with some aspects of Greek ancient writing and with the history and development of important manuscripts that bear upon the textual criticism of the New Testament.

KEYWORDS

Greek New Testament; manuscripts; papyri; uncials; minuscules.

1. O PREPARO DOS DOCUMENTOS

Os manuscritos gregos do Novo Testamento classificam-se de acordo com o material usado para a escrita (papi-

ro ou pergaminho), com o tipo de letra empregado (unciais ou minúsculas) e com a destinação do volume (de um lado, os que contêm os textos neotestamentários propriamente ditos, no todo ou em parte; de outro, os lecionários, seleção de passagens destinada ao uso litúrgico).

Quanto ao primeiro aspecto, a distinção se faz entre os caracteres escritos sobre papiro ou sobre pergaminho. O papiro, manufaturado com a fibra da planta de mesmo nome, foi usado predominantemente para textos neotestamentários até o início do século IV, e, depois disso, só muito raramente. Do século IV ao XIII, o material comum passou a ser o pergaminho (membrana feita de pele de carneiro, cabra, bezerro ou outros animais), o qual, ocasionalmente, poderia servir duas vezes para o registro: lavava-se ou raspava-se o que havia sido redigido, utilizando-se, posteriormente, a mesma folha para uma nova escrita. Esse tipo de manuscrito é denominado *palimpsesto* (ou *codex rescriptus*).

Em consonância com o tipo de letra empregado, os manuscritos são classificados em maiúsculos (*unciais*) e minúsculos. Da escrita fluente, em caracteres maiúsculos, evoluiu-se gradativamente para a minúscula, uma normatização da escrita cursiva que existiu desde a época alexandrina, ou, no mais tardar, desde a romana. A partir do século IX, seu uso, antes restrito ao horizonte particular, difundiu-se na produção de livros, no período da cognominada segunda helenização.

A Controvérsia Iconoclasta (luta contra as imagens sagradas desencadeada por Leão II, 675-741 e uma das causas do cisma entre as Igrejas Oriental e Ocidental, em 1054) deu ensejo a profundas mudanças na esfera cultural do mundo de então. Implantado o fim da Iconoclastia no Império Bizantino, o patriarca Fócio propôs um retorno ao passado, retorno esse, primeiramente, de caráter teológico e, depois, filosófico e literário. Mirando à difusão rápida e econômica dos textos desta “volta às fontes”, passou-se a empregar a forma de escrita minúscula.

A época de transliteração durou até, aproximadamente, o ano 1000, e os primeiros documentos a serem alvo de traslado foram os Evangelhos¹.

¹ O mais antigo manuscrito em minúscula é o Evangelário Uspensky, datado de 835, de acordo com DAIN, 1964, p. 63,127. Quanto ao contexto histórico-cultural referente à origem da minúscula grega e ao período de transliteração, examinar DAIN, 1964, p. 62-63, 126-127; HEUSSI, 1981, p.162-166, p.175-176, VAN BRUGGEN, 1976, p. 26-27.

Quando se considera o número de cópias, o Novo Testamento possui documentos muito mais numerosos do que as obras dos clássicos². Velleio Petárculo sobreviveu em um único e incompleto manuscrito, que se perdeu no século XVII, após haver produzido sua *editio princeps*, por meio de uma transcrição feita por Beato Rhenano, em Amerbah. Enquanto se nomeiam cinqüenta, talvez quarenta manuscritos de Êsquilo, cerca de cem de Sófocles, algumas centenas de Cícero e Ovídio, o Novo Testamento possui, entre completos e fragmentários, em língua grega, cerca de 5.500, incluindo 96 papiros, 299 maiúsculos, 2.812 minúsculos e 2.281 lecionários (passagens neotestamentárias, com exceção do Apocalipse, selecionadas pela liturgia cristã para a leitura nas celebrações de cada dia do ano e, em particular, nas festas dominicais; a maior parte dos lecionários foi preservada em maiúsculas, e o fragmento mais antigo pertence ao século V)³. O Novo Testamento tem ainda outra vantagem em relação aos autores clássicos: as versões. Só da Vulgata latina contam-se 8 mil cópias, que, ao lado das versões siríaca, cóptica, armênia, etiópica e gótica, fazem com que haja mais de 13 mil registros. Embora essa multiplicidade de documentos dê ensejo a faltas involuntárias e intencionais, oferece também muito mais elementos de comparação.

As designações atribuídas aos manuscritos não são uniformes. A maior parte deles ainda hoje é conhecida segundo o sistema que J. J. Wettstein († 1754) introduziu, no qual, os maiúsculos são representados por letras maiúsculas latinas, gregas ou hebraicas (A, B, C, X, Ξ etc.) e os minúsculos por algarismos arábicos (1, 2, 3 etc.). C. R. Gregory, no final do século XIX, introduziu um novo método que poderia ser usado com exclusividade. Ele serve de base para a lista que está sendo continuamente aperfeiçoada pelo Instituto para Pesquisa de Crítica Textual do Novo Testamento da Universidade Wilhelms da Vestifália, em Munique, Vestifália: os manuscri-

² Para um criterioso estudo comparativo entre os manuscritos do Novo Testamento Grego e os da Literatura Clássica, cf. KROLL, 1973, p. 93-98.

³ Sobre manuscritos gregos, minuciosa pesquisa pode ser efetuada em ALAND & ALAND, 1989, p. 92-183, GREGORY, 1894, v. 3, p. 337-686, METZGER, 1992, p. 36-67, VAGANAY & AMPHOUX, 1991, p. 10-25.

tos maiúsculos, para os quais as letras do alfabeto já não são suficientes, devem ser designados por algarismos arábicos consecutivos, antecedidos por um “0” (01, 02, 03 etc.). Quanto aos maiúsculos, também se costuma empregar, de acordo com a proposta de Gregory, a designação por meio de letras maiúsculas latinas, gregas ou hebraicas, seguidas de um algarismo arábico precedido por um “0”, colocado entre parênteses: \aleph (*álef*, 01), A (02), B (03) etc. Entretanto, a denominação mediante letras isoladas ainda é a mais utilizada. Os minúsculos recebem números em algarismos arábicos (1, 2, 3 etc.). Os papiros são designados por um p, cuidadosamente escrito ou impresso, seguido de um algarismo arábico, como se fosse um expoente: p^1 , p^2 , p^3 etc. Os lecionários são indicados pelo “I” minúsculo acompanhado de um expoente em algarismo arábico: I^1 , I^2 , I^3 etc.

A seqüência das várias partes do Novo Testamento é a mesma em quase todos os manuscritos gregos: Evangelhos, Atos dos Apóstolos, Cartas Paulinas, Cartas Católicas (Universais ou Gerais) e Apocalipse.

Além dos Livros Sacros, em geral, os manuscritos neotestamentários contêm outros tipos de informações para orientar o leitor em seu manuseio, presentes no princípio ou no final de cada livro, ou ainda à margem do corpo do texto. Os livros, separadamente, são introduzidos por prefácios (*hypóthesis*), que trazem, dentre outros, dados referentes ao conteúdo, ao autor e ao número dos capítulos da obra. Ao prefácio segue-se o *titulus* (o cabeçalho do livro). À margem, também podem ser encontrados subtítulos para os capítulos e informações sobre o início e o fim de perícopes (pequenos trechos bíblicos, delimitados por sua forma e conteúdo, que representam uma unidade de sentido autônoma em relação à anterior e à posterior). Além disso, aparecem, por vezes, os chamados *scholia* (notas explicativas), que, ao comentarem trechos selecionados, compõem as *catenae*. Os apêndices trazem dados relativos aos nomes do copista e/ou ao dono do manuscrito, como também à época e ao lugar em que o texto foi escrito. É muito comum os manuscritos apresentarem também correções feitas à mão pelo escriba ou por leitores e editores posteriores.

No processo da cópia, despontam, basicamente, quatro tipos de erro: 1º) confusão de letra no interior de um termo;

2º) devido a cansaço, distração ou falta de ânimo, erro causado por não se reter bem o que deveria ser escrito; 3º) lapso oriundo do ditado interior (repetição para si mesmo), o qual era realizado pelo copista antes de reproduzir o texto; 4º) finalmente, simples falha manual, agravada no decurso dos anos. Como se vê, as causas dos deslizes no ato de copiar são múltiplas, devendo-se a falhas auditivas, visuais, mecânicas e de memória, além das que se devem ao contexto e à personalidade do copista. A omissão de pequenos termos (preposições, conjunções, etc.) é o tipo de falta que todo escriba comete; o salto de uma sílaba, palavra ou expressão para outra, que tem igual começo ou igual final, é também um deslize muito freqüente⁴.

A divisão do texto bíblico em capítulos apareceu, pela primeira vez, logo depois de 1200 e é atribuída a Stephen Langton, Arcebispo de Canterbury († 1228). A segmentação em versículos provém do livreiro parisiense Robert Stephanus (Estéfano) e surgiu, primeiramente, em sua edição do Novo Testamento grego de 1551.

2. AS PRINCIPAIS FONTES DOCUMENTAIS

As fontes documentais mais importantes para a composição do texto do Novo Testamento grego são as seguintes, de acordo com sua classificação em papiros, maiúsculos e minúsculos.

2.1. PAPIROS

p⁴⁵: originou-se no início da primeira metade do século III. Os 30 fólhos preservados contêm fragmentos dos Quatro Evangelhos e dos Atos dos Apóstolos. Acha-se em Dublin.

⁴ Cf. DAIN, 1964, p. 41-55. Visando ao estudo deste tópico, no campo específico do Novo Testamento grego, cf. GREENLEE, 1995, p. 55-61, METZGER, 1992, p. 186-206, MICHAELIS, 1961, p. 344-347, 362-368.

p⁴⁶: datado, aproximadamente, do ano 200. Tinha 104 fólhos originais, dos quais 86 se conservam, oferecendo o texto das Cartas Paulinas na seguinte disposição: Romanos, Hebreus, 1 e 2 Coríntios, Efésios, Gálatas, Filipenses, Colossenses e 1 e 2 Tessalonicenses. Encontra-se em Dublin⁵.

p⁴⁷: procede do último terço do século III. Concorde com o *Códice Sináítico* mais do que com qualquer outro manuscrito, embora mantenha notável independência textual. Contém o trecho de Apocalipse 9.10-17.2. Encontra-se em Dublin.

p⁵²: datado em torno do ano 125. É o fragmento mais antigo do Novo Testamento. Contém partes de João 18.31-33 (anverso) e 18.37,38 (reverso). Encontra-se na *John Rylands Library*, de Manchester.

p⁶⁶: procede, aproximadamente, do ano 200. Contém grande parte dos vinte e um capítulos do Evangelho segundo João. Acha-se em Genebra.

p⁷²: escrito entre os séculos III e IV. Além de outros documentos, nesse manuscrito foi incluído o mais antigo texto preservado de 1 e 2 Pedro e de Judas. Acha-se em Genebra.

p⁷⁵: datado do século III. É a cópia mais antiga conhecida do Evangelho de Lucas e uma das mais antigas do Evangelho de João. Seu texto é bastante semelhante ao *do Códice Vaticano*. Encontra-se em Genebra.

2.2. MAIÚSCULOS

01 = Ⲁ (*Álefe*), *Códice Sináítico* (S), da primeira metade do século IV. Contém o Antigo e o Novo Testamentos, além da *Carta de Barnabé* e parte do *Pastor de Hermas*. Na cópia do manuscrito, intervieram, sucessivamente, três mãos diferentes e, até o século XII, novos corretores introduziram, no texto, diversas modificações. Após sua descoberta, ocorrida na biblioteca do Mosteiro de Santa Catarina, localizado no Sinai, foi apresentado ao Czar da Rússia e adquirido pelo

⁵ Uma folha de p⁴⁵ e trinta de p⁴⁶ estão guardadas, respectivamente, na Biblioteca Nacional de Viena e na Universidade de Michigan. Cf. PAROSCHI, 1999, p. 45.

Museu Britânico em 1933, onde se encontra até hoje. Dentre suas principais características, destacam-se a colocação do final de Marcos, logo após 16.8, e a omissão do episódio da mulher adúltera (cf. João 7,52-8,11).

02 = A, *Códice Alexandrino*, do início do século V. Contém a *Septuaginta* (ou *LXX* – a primeira e a mais importante versão grega do Antigo Testamento, realizada por judeus helenistas, no Egito, nos séculos III a II a.C.), a Primeira e a Segunda Carta de Clemente de Roma, os *Salmos de Salomão* e quase todo o Novo Testamento (faltam trechos dos Evangelhos de Mateus e de João, além de I Coríntios). Está escrito em duas colunas. Encontra-se no Museu Britânico, em Londres.

03 = B, *Códice Vaticano*, do início do século IV. Contém a *Septuaginta*, com exceção da *Oração de Manassés* e dos livros dos Macabeus. No estado atual, perderam-se passagens de Gênesis, de 2 Samuel, de Hebreus, das Cartas Pastorais (1 e 2 Timóteo e Tito) e do Apocalipse. Acha-se na Biblioteca do Vaticano, em Roma.

04 = C, *Efrém reescrito* ou códice palimpsesto de S. Efrém, do início do século V. O palimpsesto no qual foi conservado procede do século XII, quando os escritos bíblicos foram substituídos pela versão grega dos 38 tratados ou sermões de Efrém. O códice continha, no início, toda a Bíblia; contudo, do Antigo Testamento permaneceram intactos somente os textos de Jó, Provérbios, Eclesiastes, Sabedoria, Eclesiástico e Cantares; do Novo Testamento, porções de todos os livros, exceto de 2 Tessalonicenses e 2 João. Está guardado na Biblioteca Nacional de Paris.

05 = D, *Códice Beza*. É um manuscrito greco-latino, o mais antigo dos bilíngües conservados. Procede do século V ou VI. Contém os Quatro Evangelhos e os Atos dos Apóstolos – os primeiros na ordem chamada ocidental: Mateus–João–Lucas–Marcos. Possuía 510 fólhos ou até mais, localizando-se a parte grega no fólio esquerdo e a latina, no direito. Seu texto se reveste de caráter especial pelo fato de conter freqüentes adições de palavras e frases inteiras. Encontra-se na Universidade de Cambridge desde 1581, ano em que Théodore de Bèze, reformador protestante de Genebra, o doou àquela Universidade.

06 = D², *Códice Claromontano*, do século VI. Contém as Cartas Paulinas. É também um manuscrito bilíngüe, no mesmo estilo do Códice Beza. Dos seus 533 fólhos, os de número 162 e 163 são palimpsestos. Encontra-se na Biblioteca Nacional de Paris.

032 = W, *Códice Washingtoniano*, do século V. Constitui uma das mais importantes descobertas do século XX. Contém 187 fólhos dos quatro Evangelhos, e o texto está escrito em uma coluna por fólho. Os Evangelhos, na ordem ocidental (Mateus, João, Lucas e Marcos), pela variedade de estilo, devem ter sido copiados de diferentes manuscritos. Desde 1906 se encontra no Museu Freer da Instituição Smithsonian, em Washington.

038 = Θ, *Códice Korideto*. Trata-se de um manuscrito dos Evangelhos, do século IX, contendo 249 fólhos de texto distribuído em duas colunas por fólho. Foi escrito provavelmente no Sinai por um escriba que conhecia muito pouco a língua grega, pois as letras são pesadas e rudes. Foi descoberto, pela primeira vez, em 1853, num mosteiro em Korideto, nos Montes Cáucacos. Desde 1901, encontra-se no Museu de Tbiliri, capital da Geórgia.

2.3. MINÚSCULOS

f¹ (*Família⁶ 1 ou Lake*), reunindo os minúsculos 1, 118, 131 e 209, foi reconhecida por Kirsopp Lake, em 1902. Todos esses manuscritos foram copiados entre os séculos XII e XIV. A essa família também pertence o manuscrito 1582 (do século X).

f³ (*Família 13 ou Ferrar*), identificada, bem antes da anterior, em 1868, por William H. Ferrar e formada pelos minúsculos 13, 69, 124 e 346 (posteriormente foram incluídos também os de número 174, 230, 543, 788, 826, 828, 983, 1689 e 1709), todos copiados entre os séculos XI e XV.

33, conhecido, desde o início do século XIX, como o “rei dos minúsculos”, apresenta um texto bastante afim ao do *Códice Vaticano*. Contém os Evangelhos, os Atos dos Após-

⁶ Famílias são agrupamentos de manuscritos que possuem características idênticas.

tolos e todas as Cartas neotestamentárias. Foi escrito no século IX. Encontra-se hoje na Biblioteca Nacional de Paris.

565, também escrito no século IX, com letras de ouro, em pergaminho purpúreo, um dos mais belos dentre todos os manuscritos gregos do Novo Testamento. Trata-se de uma cópia de luxo dos Evangelhos. Encontra-se, atualmente, na Biblioteca Pública de São Petersburgo.

579, procedente do século XIII, contém os Evangelhos e se acha em Paris. Em Marcos, Lucas e João, seu texto guarda grandes semelhanças com *ℵ e B*.

1241, datado do século XII/XIII. Afora o Apocalipse, contém todo o Novo Testamento e transmite um texto semelhante ao do documento 33. Acha-se no Mosteiro de Santa Catarina, localizado no Sinai.

1424, escrito no século IX/X, inclui todos os livros do Novo Testamento, os quais, exceto o Apocalipse, estão saturados com notas marginais. Encontra-se em Chicago.

2427, datado, provavelmente, do século XIV, contém os Evangelhos. Está guardado na Biblioteca da Universidade de Chicago.

2437, datado do século XII, códice pergamináceo copiado em minúsculas gregas, contém os Evangelhos, com exceção de Mateus 1,1-17. Acha-se guardado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Foi doado ao Brasil em 1912 pelo erudito de ascendência grega, João Pandiá Calógeras.

Conclui-se salientando que cada um desses documentos merece atenção toda especial. Em primeiro lugar, por seu valor material e histórico. Em segundo, pelo valor filológico que possa ter, confirmando lições presentes em outros exemplares ou oferecendo variantes. E, em terceiro lugar, da perspectiva do que hoje se chama de *crítica genética*, o texto que cada códice traz não deixa de constituir uma lição única – e foi nessa condição que esteve nas mãos de sucessivos leitores como versão autorizada dos evangelhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAND, K.; ALAND, B. *Der Text des Neuen Testaments: Einführung in die Wissenschaftlichen Ausgaben sowie in*

Theorie und Praxis der Modernen Textkritik. 2. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1989.

BRUGGEN, J. van. *De tekst van het Nieuwe Testament*. Groningen: Uitgeverij De Vuurbaak, 1976.

DAIN, A. *Les manuscrits*. Paris: Les Belles Lettres, 1964.

GREENLEE, J. H. *Introduction to the New Testament textual criticism*. 2. ed. Grand Rapids: Eerdmans, 1995.

GREGORY, C. R. *Novum Testamentum graece ad antiquissimos testes denuo recensuit apparatus criticum appowuit Constantinus Tischendorf edition octava critica maior*. Lipsie: J. C. Hinrichs, 1894. v. 3 (Prolegomena).

HEUSSI, K. *Kompendium der Kirchen-Geschichte*. 16 Aufl. Tübingen: Mohr, 1981.

KROOLL, G. *Auf den Spuren Jesu*. 5. ed. Leipzig: St. Benno, 1973.

METZGER, B. M. *The text of the New Testament - its transmission, corruptin, and restoration*. 3 ed. New York/Oxford: Oxford University Press, 1992.

MICHAELIS, W. *Einleitung in das Neue Testament*. Bern: Berchtold Hallr, 1961.

PAROSCHI, W. *Critica textual do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1999.

VAGANAY, L.; AMPHOUX, C-B. *An Iintroduction to New Testament Textual Criticism*. 2. ed. New York: Cambridge University, 1991.